

OS CURRÍCULOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E O ENSINO POR UNIDADES DIDÁTICAS

RESUMO

Alfredo Gomes de Faria Junior

Pós-Doutorado pela University of London Institute of Education; Doutor em Education Physique pela Université Libre de Bruxelles (ULB); Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio); Programa de Pós-graduação em Ciências da Atividade Física da Universidade Salgado de Oliveira.

fariajor@ig.com.br

Artigo recebido em: 11 abr. 2014.

Artigo aprovado em: 14 maio 2014.

O objetivo deste artigo é comparar o Programa por Temporada com o Ensino por Unidades Didáticas, integrantes dos Currículos de Educação Física no Brasil. Usou-se um dos Métodos da Educação Física Comparada e foi empregado como referencial teórico o “Enfoque Filosófico”, que se baseia no estudo de Joseph Lauwerys. A principal técnica empregada neste artigo foi a análise documental, em que foram usadas fontes concretas (leis, documentos oficiais, artigos de revistas) e instrumentos educacionais (livros textos). No Brasil, em 1973, uma das primeiras vezes em que foi usada oficialmente a expressão Currículos de Educação Física deu-se no Seminário de Brasília, promovido pelo DED/MEC. O Programa por Temporada, proposto por Julio Mazzei, ajudou a difundir o desporto na escola. O Programa por Temporada evoluiu para o Trabalho por Unidades Didáticas mais de acordo com a filosofia do Humanismo. No Programa por Temporada predominavam os desportos, enquanto que no Trabalho por Unidades Didáticas ao desporto somavam-se outras unidades, como as Danças, a Ginástica Feminina Moderna, o Folclore, a Ginástica Rítmica Desportiva, os Jogos Pré-Desportivos etc.

Palavras-Chave: Programa por Temporada. Trabalho por Unidades Didáticas. Currículo de Educação Física.

PHYSICAL EDUCATION CURRICULUM AND THE TEACHING BY UNITY

ABSTRACT

The aim of this article is to compare the Sports Season Program to the Teaching by Unity. We use one method in Comparative Physical Education and Sport and the strategies that make up the Physical Education Curriculum in Brazil. A Conceptual Framework used is the Philosophical Focus based on a study by Joseph Lauwerys. The main technique used is the documentary analysis. The expression Physical Education Curriculum was used for the first time in a Seminar in Brasília. The Sports Season Program was an important element to disseminate sports in schools while sports, folk dances and games joined the Teaching by Unity.

Keywords: Sports Season Program. Teaching by Unity. Physical Education Curriculum.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo comparar o Programa por Temporada com o Ensino por Unidades Didáticas, integrantes dos Currículos de Educação Física no Brasil.



Neste estudo usou-se um dos Métodos da Educação Física Comparada para comparar o Programa por Temporada com o Ensino por Unidades Didáticas, sendo empregado como referencial teórico o “Enfoque Filosófico”.

O “Enfoque Filosófico” em questão se baseia no estudo de Joseph Lauwerys (1959), empregado como um dos Métodos da Educação Física Comparada. Sua crença básica é que cada nação tem uma orientação filosófica, e como consequência acredita que a filosofia que rege um país é importante no estudo desta nação. Na verdade filosofia social e política em operação em um país, naturalmente, têm efeitos em sua filosofia educacional. Alguns acadêmicos desenvolveram filosofias de educação física que evoluíram a partir da filosofia da educação, que por seu turno estavam relacionadas com a filosofia de uma nação. Estudos Comparativos têm ocasionalmente utilizado filosofias e propósitos (HOWELL *et al.* 1979).

A principal técnica empregada neste artigo foi a “análise documental”, em que foram usadas “fontes concretas” (leis, documentos oficiais, artigos de revistas) e “instrumentos educacionais” (livros textos) (RUMMEL, 1972).

2 O IDEALISMO COM CORRENTE FILOSÓFICA

Durante o governo Getúlio Vargas, desde sua ascensão em 1930 até o Estado Novo (1937-1945), vinha-se adotando uma corrente filosófica conhecida por Idealismo. Esta corrente filosófica influenciou o Nazismo na Alemanha e o Fascismo na Itália.

À luz dessa doutrina, podemos compreender as formas de controle social usadas na Alemanha nazista. Dela nasce a espionagem, campos de concentração e tortura; os expurgos por meio dos pelotões de fuzilamento e do assassinato sempre que um líder se afasta da orientação fixada pelo “partido”; a censura da imprensa, do rádio, da pregação nas igrejas, e até da conversação particular; pois com uma eficiente polícia secreta, até as paredes têm ouvido. Os movimentos da juventude são meios de angariar neófitos para o partido, mas a escola, com instituição formal de educação, estendendo-se a todas as crianças da comunidade, é o primeiro campo a ser semeado. (CUNNINGHAM, 1975, p. 27).

As ideologias fascistas europeias tiveram campo fértil, no Brasil, na década de 30, surgindo a Ação Social Brasileira, o Partido Nacional Fascista; as seções do Partido Fascista Italiano e do Partido Nacional Socialista; a Legião de Outubro, esta em Minas Gerais, subscrita por Francisco Campos, Amaro Lanari e Gustavo Capanema. (CANTARINO FILHO, 1988, p. 84).

Vargas declarou ver a Educação como “matéria de salvação nacional”, mas, na realidade, ele nunca considerou “o terreno educativo como uma área de atuação política importante” (PAIVA, 1983, p. 161). Entretanto, os ideólogos do Estado Novo viam, “na Educação Física, um auxiliar poderoso para fortalecimento do Estado e um possante meio para o aprimoramento da raça, um dos pontos importantes do ideário” (OLIVEIRA; FARIA JUNIOR, 1987, p. 16).

3 VARGAS E A EDUCAÇÃO FÍSICA

A Educação Física recebeu destaque pela primeira vez em uma Constituição brasileira em 1937, quando o Artigo 131 estabelecia que:



a Educação Física, o ensino cívico e o de trabalhos manuais serão obrigatórios em todas as escolas primárias, normais e secundárias, não podendo nenhuma escola de qualquer desses graus ser autorizada ou reconhecida sem que satisfaça aquela exigência (BRASIL, 1937b).

As principais grandes modificações ocorridas na Educação Física entre 1930 e 1945 foram: a criação da Divisão de Educação Física (DED) na estrutura do Ministério da Educação e Saúde Pública (MES) (BRASIL, 1937a), a fundação da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD) (BRASIL, 1939), na Universidade do Brasil, para servir de “padrão” para todas as outras e a organização da “Juventude Brasileira” (BRASIL, 1940), “apresentando algumas características similares com as de outros países totalitários com: a *Hitlerjugend* (Alemanha), *Giovanni Italiane* (Itália) e Mocidade Comunista (URSS)” (OLIVEIRA; FARIA JUNIOR, 1987, p. 17).

Outro assunto que marcou aquele período foi a adoção de Sistemas e Métodos de Educação Física que deveriam orientar essa disciplina na Escola brasileira, sendo então escolhido o Método Francês.

A França consolidou, em 1927, o projeto intitulado *Règlement Général d'Éducation Physique (Méthode Française)*, dando origem à edição definitiva de Método Francês, reimpresso em 1932. (FRANCE, 1932).

O Regulamento Geral de Educação Física - Método Francês - foi trazido ao Brasil pela Missão Militar Francesa que aqui chegou alguns anos após o Primeiro Grande Conflito Mundial, para instruir nosso Exército (BRASIL, 1934).

No âmbito civil o ensino secundário sofreu uma grande reforma, sendo estabelecida a obrigatoriedade da Educação Física para todas as classes e, então, o Método Francês foi adotado pelo Ministério de Educação e Saúde, pela Portaria Ministerial, de 1931. “Em junho foram baixados os programas de Educação Física, e que vigoraram até 1944, inclusive sem sofrer qualquer modificação” (ACCIOLY; MARINHO, 1956, p. 174).

Em resumo, a educação física francesa teve sua aplicação restrita, no meio civil, às duas primeiras fases: a educação física elementar e a educação física secundária, como o demonstram as publicações da Divisão de Educação Física (DEF). Mario Ribeiro Cantarino Filho chegou a escrever que o uso do Método Francês, em 1938, atingira 56% das nossas escolas secundárias; em 1939, alcançava 77,89%, e no ano seguinte 88,87% (CANTARINO FILHO, 1982).

O Método Francês,

bem ou mal vem sendo aplicado, há cerca de dez anos, com as falhas naturais da falta de clima propício, a lição de educação de física preconizada pelo Regulamento Francês. [...] Resultou dessa prática que os indivíduos que apresentam deficiências plásticas e de atitude continuam em índice elevado, isto porque os exercícios analíticos [...] não merecem na lição de educação física o acolhimento devido. (COLOMBO, 1946, p. 54).

A adoção do Método Francês no Brasil não se fez sem críticas que partiam da ressalva de que era necessária a criação de um “Método Nacional de Educação Física” (BRASIL, 1944). Depois vieram outras bem fundamentadas, como a da Associação Brasileira de Educação (ABE) (MARINHO, 1958, p. 168). A seguir, como lembrou Frederico Gaelzer, o Método Francês era tenazmente combatido na própria França (MARINHO, 1958). Em 1944, “o professor Inezil Penna Marinho publicou um trabalho [...] no qual criticava os fundamentos do Método Francês,



apresentando farta argumentação” (MARINHO, 1958, p. 169). Mais tarde o professor Alberto Latorre da Faria escreveu que

no Brasil, nos ressentimos de uma diretriz segura e firme. Ao dogmatismo com que foi introduzido em nosso meio, o chamado Método Francês, sucedeu um ecletismo *outrance* que não vem conduzido a cousa (*sic*) alguma. (FARIA, 1953, p. 92).

Apesar de toda aquela polêmica, o Método Francês foi difundido por todos os recantos do território nacional, “graças ao trabalho entusiástico, à operosidade e ao espírito de civismo dos pioneiros da nossa Educação Física”, com dizia a nova publicação daquele Método, publicado pela Divisão de Educação Física, em Edição de Emergência (BRASIL, 1960).

Apesar de adotado oficialmente no Brasil o Método Francês sofria a concorrência de vários outros Sistemas e Métodos de Educação Física, como a “Calistenia” e o Método Sueco Moderno, além de outros, de menos expressão.

Calistenia

A “Calistenia” era considerada um Sistema de Ginástica difundido na Inglaterra, nos Estados Unidos e América do Sul. Na América de Norte William Skarstrom resolveu sistematizá-la, apresentando o que veio a ser conhecido como Plano Skarstrom. Ele definia a “Calistenia” como “uma combinação de exercícios simples, com arte, música e beleza, com a finalidade de exercitar todo o corpo, desenvolvendo graça na mulher e elegância no homem” (SILVA, 1960, p. 41). Na América do Sul, Alfredo Wood (1941 *apud* AMARAL, 1965, p. 8) “foi o grande apologista da ‘Calistenia’, tendo idealizado uma curva de esforço que recebeu o seu nome”.

A “Calistenia” era considerada

um Sistema de Ginástica, praticado com aparelhos leves ou mão livre, destinados a contrapor os efeitos nocivos que o modernismo das grandes cidades nos impõe. [...] Este Sistema visava especialmente às grandes massas musculares com o objetivo de manter boa atitude, permitindo o perfeito funcionamento das grandes funções e órgãos. (AMARAL, 1965, p. 7).

No Rio de Janeiro, em 1893, foi fundada a Associação Cristã de Moços (ACM), instituição internacional, criada pelos norte-americanos em 1851, que “teve influência em nosso meio desportivo e responsável pela divulgação da ginástica calistênica” (CANTARINO FILHO, 1988, p. 80). “A ‘calistenia’ sempre resistiu à orientação oficial, ainda que praticada exclusivamente em recintos fechados” (ACCIOLY; MARINHO, 1956, p. 152). Pesquisas foram realizadas por Silva (1960) em 1952 e 1959, em turmas de “Calistenia” na Associação Cristã de Moços de São Paulo.

Em resumo, em 1960 a “Calistenia” também fazia parte do currículo da Escola Nacional de Educação Física, considerado “currículo padrão” para as demais Escolas de Educação Física existentes no país.

A “Calistenia” teve como principais divulgadores entre nós os professores Inezil Penna Marinho (1954; 1958), Joaquim José da Silva Ribeiro Junior (1955), N. Pithan e Silva (1960) e Cássio Rothier do Amaral (1965).



Moderno Sistema Sueco

Outro Sistema que não podemos deixar de citar é o “Moderno Sistema Sueco”, que havia evoluído do antigo sistema de ginástica de Per Henrik Ling por meio de Hjalmar Ling, Frode Sandolin, Elin Falk, Elli Björksten e Josef Gottfried Thulin, o mais importante vulto da Escola Sueca depois de Ling.

O “Moderno Sistema Sueco” compreendia quatro vertentes: ginástica pedagógica ou educativa (higiênica); ginástica feminina (antiga ginástica estética); ginástica militar e ginástica médica (MARINHO, 1965, p. 191).

Parece importante citar ainda Viktor Balck, o “Pai do Desporto Sueco”, que difundindo “a prática desportiva proporcionou à ginástica um coadjuvante poderoso de aperfeiçoamento físico e moral” (RAMOS, 1967, p. 9).

Chama-se a atenção que a ginástica não constituía uma modalidade única de trabalho físico nas escolas suecas, pois era complementada por outras atividades físicas, tanto assim que,

dentro do currículo escolar, a disciplina correspondente chama-se “Ginástica, Jogo e Recreação”. A ginástica, os jogos recreativos, a dança, o atletismo, a natação os desportos coletivos em geral, e esqui, a corrida de orientação, e o campismo eram [são] as atividades mais praticadas. (RAMOS, 1967, p. 21).

Em síntese, o Método Sueco Moderno foi divulgado no Brasil por Inezil Penna Marinho (1954; 1958), Germano Bayer (s.d)¹ e Jayr Jordão Ramos (1967).

4 MUDANÇA LENTA DE PARADIGMA

Ao mesmo tempo em que se discutiam os Sistemas e Métodos na nossa Educação Física, o Ministro Gustavo Capanema submeteu à apreciação do Presidente Getúlio Vargas um projeto de decreto-lei destinado a fixar as bases de organização dos desportos no Brasil. O Projeto do Ministro Capanema foi sancionado, tornando-se o Decreto Lei nº 3199/41, que criava o Conselho Nacional dos Desportos (CND), vinculado à estrutura do MES (BRASIL, 1941b).

Ainda em 1941 foi promulgado o Decreto-Lei nº 3.617/1941, que fixava as bases de organização dos desportos universitários brasileiros, sendo então criada a Confederação dos Desportos Universitários (CBDU), que estabelecia “para a vida desportiva universitária uma ordem conveniente, que assegura a mais plena liberdade de iniciativa e de administração por parte dos estudantes, sem prejuízo de uma conveniente coordenação por parte do Ministério da Educação” (BRASIL, 1941a).

Os desportos vinham sendo desenvolvidos na época, sobretudo, a natação, o remo, “o futebol, o basquetebol, o vólibol, o atletismo, o iatismo, o boxe, o tênis, o tênis de mesa e outros desportos, na sua maioria ainda vacilantes, e após campanhas memoráveis atingiram elevado índice no cotejo internacional” (RAMOS, 1982, p. 298).

Sendo sancionada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 4024/61), portanto a partir de 1961 até 1970, desenvolveu-se no Brasil uma doutrinação no sentido de implantar na Educação Física o denominado “trabalho por unidades didáticas”, conhecido em

¹ Disponível em: http://www.germanobayer.pro.br/profissional_3.html Acesso em: 13 set. 2014



São Paulo por “programa por temporada”, buscando proporcionar sequências de aprendizagem do tipo contínuo.

Obviamente esta doutrinação vinha sendo gerada há alguns anos, sofrendo múltiplas influências de diferentes partes do mundo. Assim, realizados em Santos, os II e III Cursos de Aperfeiçoamento em 1952 e 1953 o professor Auguste Listello introduziu no país uma linha doutrinária de trabalho fundamentada em uma profunda filosofia educacional chamada Educação Física Desportiva Generalizada (MAZZEI; TEIXEIRA, 1967, p. 52).

Ao elaborarem os princípios que nortearam a Educação Desportiva Generalizada partiram os franceses do princípio da educação integral. A elaboração desta doutrina considerou uma série de aspectos em que se distingue a preocupação de colocar o fator psicológico como elemento preponderante. O “desporto aparece desta maneira, como um meio de formação e preparação para a vida” (FARIA JUNIOR, 1969, p. 128). O desporto é um meio de formação e preparação do indivíduo para a vida. As atividades desportivas proporcionam ao educando oportunidades de adquirir hábitos higiênicos, sentido de equipe, noções de divisão do trabalho, de desenvolvimento da resistência, do altruísmo, da solidariedade, ao mesmo tempo em que ele obtém maior individualização (FARIA JUNIOR, 1969).

5 O PROGRAMA POR TEMPORADA

Em 1953, Mauro Soares Teixeira e Júlio Mazzei, então estudantes, realizaram viagem de estudos à França², onde foram recebidos em Paris pelo professor Auguste Listello, reconhecido pelo “quanto fez pela Educação Física no Brasil” (p. 245).

Em 1959, já agora professor, Julio Mazzei elabora e publica seu livro “Novas Concepções do Programa por Temporada” (1960). Este conteúdo foi integralmente republicado no “Capítulo X – A Educação Física no Ensino de Graus Médio”, do livro “Cultura, Educação Física, Esportes e Recreação”, de autoria de Julio Mazzei e Mauro Soares Teixeira.

Nas Considerações Gerais escreveu Julio Mazzei,

hoje ministramos uma aula segundo o método sueco moderno; amanhã, iniciamos os alunos no vôlei; na segunda semana, começamos com basquetebol e terminamos com futebol de salão; não tem sido esta, em tese, nossa ação? [...] Não é isto o que estamos fazendo há quase 30 anos? (MAZZEI, 1960, p. 14).

Isto já parece denotar uma presença forte dos desportos na Educação Física escolar brasileira, ainda que convivendo com os Sistemas e Métodos de Educação Física.

O Programa por Temporada propunha

dividir o ano letivo em “temporadas” dedicadas à prática de um determinado esporte (Basket, Volei, Atletismo, Futebol, Handball, Natação, Solo e Aparelhos, Lutas, etc.) de maneira que, durante quatro meses (semestre letivo) os alunos de todas as séries ou grupos sejam iniciados e aperfeiçoados na modalidade esportiva prevista para aquela temporada (MAZZEI, 1960, p. 19).

² Como se lê no Capítulo XLII – Reminiscências – da coleção Cultura, Educação, Educação Física, Esportes e Recreação (1967).



Com isto estaríamos evitando que

ao ministrar hoje uma sessão de Voleibol, amanhã uma de Bola ao Cesto, a seguir uma de Atletismo, assim sucessivamente, nos esquecendo de que jamais poderemos interessar um aluno na prática de um esporte para o qual ele não recebeu um “adestramento” (habilidades fundamentais para a prática do esporte) prévio e adequado (MAZZEI, 1960, S/P).

O Programa por Temporada, proposto por Julio Mazzei, induz o leitor a considerar que o desporto é a tônica do processo, apesar de aparecerem os demais “meios da Educação Física: Jogos, Esportes, Danças, Ginástica e Excursões como parte integrante de um programa de ação real e objetiva” (MAZZEI, 1960, p. 18). Quando escreve sobre os objetivos específicos referem-se aos “que devem ser alcançados na prática do esporte escolhido durante o transcorrer das aulas [...]” (MAZZEI, 1960, p. 21).

Mazzei faz uma pergunta hipotética: no programa por temporada “o jogo, a ginástica, as danças e a excursões, são postos de lado?” (MAZZEI, 1960, p. 30). Ele responde então:

um programa de Educação Física não seria completo se se utilizar unilateralmente apenas de um de seus meios. Se atentarmos ao plano que acabamos de expor verificaremos que o jogo está representado aqui pelos processos pedagógicos, pelo pequeno jogo, pela “formas de jogo”, etc.; a ginástica pelas atividades específicas da parte formativa da aula que nada mais é do que Ginástica pura como a entendem os suecos, os franceses, os dinamarqueses, os alemães, os americanos, os italianos, os húngaros, os austríacos, e nós mesmos; as excursões (acampamentos, cicloturismo, pedagógicas, etc.) facilmente poderão ser encaixadas no “Programa por Temporada”, sendo que devemos considerar as excelentes oportunidades de excursionar nas fases do Coroamento da Temporada; as “danças, por si só, já constituem ótima atividade complementar do programa, mormente nas turmas femininas e nos programas co-educacionais (*sic*)” (MAZZEI, 1960, p. 30).

No capítulo onde o autor se dedicava ao estudo da Divisão do Programa por Temporada falava

em teste de ordem geral e os específicos, relacionados com a modalidade escolhida para a temporada. [...] Entre nós, em matéria de testes em Educação Física, até bem pouco tempo, conhecíamos apenas as chamadas, “Provas Práticas” do Método Francês, com finalidade até certo ponto desconhecida: sem a legítima preocupação de prognose e diagnose da aprendizagem e servido de inócuo pretexto de passagem de um grupo para outro, e só [...]. O citado Método Francês falava em verificação periódica de resultados. Para tal verificação, recomendava o exame médico (no início e no final do ano letivo) e as chamadas “provas práticas” que funcionavam principalmente como base da classificação homogênea dos alunos. (MAZZEI, 1960, p. 31).

Com a adoção de um Programa por Temporada, exemplificou Mazzei (1960):

se a temporada escolhida for a de Natação, iremos ministrar aos nossos alunos como prognose, da aprendizagem que virá, os testes referentes à Natação, testes estes que poderão ser uniformes para todo o Estado ou País, para melhor avaliação de rendimento escolar no estabelecimento de todo o território nacional (ou Estados, ou Região, ou Municípios ...). Estas provas funcionariam como prognose e ao mesmo tempo como auxiliar nos grupamentos que se seguirão [...]. Realizados todos os testes



no início da temporada, os mesmos serão repetidos no final da mesma (diagnose da aprendizagem) e, dentro de um índice que será estabelecido, tendo-se em vista os “scores” obtidos (que serão computados estatisticamente pelos órgãos competentes), serão distribuídos “Diplomas Esportivos de Iniciação” nesta ou naquela modalidade esportiva. (MAZZEI, 1960, p. 32-40).

Mazzei continua escrevendo sobre os Diplomas Esportivos coroados com um exemplo de “Diploma Esportivo”, a ser expedido pela Divisão de Educação Física, do Ministério da Educação e Cultura. Este diploma substituiria o “Certificado de Educação Física” exigido pela legislação escolar em vigor, outorgado aos alunos que atingissem certa idade e se submetessem aos Exames Práticos (elementar e secundário).

Lembro-me que, quando cursávamos o Colégio Militar, no Rio de Janeiro, recordamos que havíamos obtido SIM (aprovado) nas

Provas de Exame Físico; (**Ciclo Elementar**) Corrida de Velocidade, Salto em altura com impulso, Salto e extensão com impulso, Transporte de peso sobre a cabeça, Trepas em cordas duplas, Lançamento de pelota, Equilíbrio sobre a trave; (**Ciclo Secundário**) Corrida de velocidade, corrida de resistência, Salto em altura com impulso, Salto em extensão com impulso, Trepas em corda livre, Trepas em barra fixa Lançamento de peso, Transporte do fardo e Flexionamentos. (FARIA JUNIOR, 2012, p. 20, grifo nosso).

No Capítulo sobre Planejamento Geral e Fichas de Orientação, Mazzei (1960) repete o que havia escrito no capítulo “Desenvolvimento do Programa”. Dizia ele que a

Unidade de Programa cremos que tenha ficado claro que estas unidades nada mais são do que as chamadas aulas. Se o programa é o todo, a aula constitui, inevitavelmente, a unidade do mesmo. Teremos tantas unidades (aulas) quanto for a duração do programa; semestral, em média 25; se anual, em média 50 unidades (MAZZEI, 1960, p. 45).

Mais adiante Mazzei (1960), ao exemplificar no Programa por Temporada – Natação – dando o exemplo do professor Décio Lang, diz que

a Unidade nº 1 ‘1’ – não se trata de uma aula propriamente dita, mas sim de uma introdução aos assuntos que serão ministrados durante o semestre ou ano letivo. [...] Na Unidade nº 2 ‘1’ -, estamos prevendo a realização do exame médico, do exame biométrico e dos testes específicos (Natação). [...] Na Unidade nº 3 – ‘1’ - objetivo : adaptação ao meio líquido. (MAZZEI, 1960, p. 51-53).

E assim segue até a Unidade nº 21 ‘1’, aula a ser ministrada no dia 13 de outubro de 1959. Vê-se assim que Mazzei numera as unidades de acordo com as aulas a ministrar, confundindo Unidades com as chamadas Aulas, o que gerou certa confusão entre seus leitores mais afeitos aos temas da Didática de Educação Física.

6 O HUMANISMO COMO CORRENTE FILOSÓFICA

O Humanismo parte do princípio de que o indivíduo é que determina os seus próprios atos. Hereditariedade e ambiente são fatores de formação do homem. “Este realce dado ao



desenvolvimento do indivíduo está em franco contraste com o totalitarismo das correntes filosóficas idealistas e com o coletivismo dos materialistas, que fazem do homem um instrumento do Estado” (CUNNINGHAM, 1975, p. 39).

Durante os anos em que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) permaneceu no Congresso Nacional, foi sempre alvo de discussões e debates. Desta forma foram dedicados “anos na fixação do que se poderia chamar a ‘filosofia da lei’. Foi uma verdadeira tomada de posição filosófica” (FONTOURA, 1968, p. 4).

Assim, a LDB, no seu Título I, Art. 1º, preconizava “o desenvolvimento integral da personalidade humana e a sua participação na obra do bem comum” (BRASIL, 1961) denotando que predominava então o Humanismo como corrente filosófica (CUNNINGHAM, 1975). Foi sancionada, desta forma, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1961), pelo presidente da república João Belchior Marques Goulart, também chamado por amigos e adversários de Jango.

Ela “plasmou uma filosofia da educação, generosa e larga, tendo presente, de um lado, os preceitos da pedagogia; e de outro, as realidades sociais e econômicas” (KELLY, 1968).

Com a entrada em vigor da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1961), “começamos a viver uma nova era na educação. Passamos de um sistema altamente centralizado para outro em que predominava a descentralização administrativa e pedagógica” (FARIA JUNIOR, 1969, p. 68).

Três meses à frente, o Conselho Federal de Educação (CFE), em seu Parecer nº 16, aprovado em 16 de março de 1962 (*apud* FERREIRA, 1990), julgava recomendável “que a prática da Educação Física na escola fosse [seja] completada por atividades esportivas, mesmo fora do horário escolar, de modo a permitir a formação do espírito de equipe e liderança dos alunos” (item 4).

O Governador do Estado da Guanabara, Carlos Lacerda, adversário de Jango, chegou a escrever que

a filosofia e a política de educação contemporânea devem traduzir-se [portanto], em medidas práticas, fácil e imediatamente conversíveis em realidade social. Essas medidas devem garantir a todos, sem distinção, até determinada idade, um base de educação geral e comum que, no mundo de hoje, só a Escola pode proporcionar (ESTADO DA GUANABARA, 1965).

A tentativa de implantar no Brasil o “Programa por Temporada” (MAZZEI, 1960) e mais tarde o “Ensino por Unidades Didáticas” (FARIA JUNIOR, 1969), continuou a desenvolver-se, atingindo seu clímax em meados dos anos 70 do século passado.

Essa tentativa, embora não tenha sido ampla e completamente adotada, teve grande influência na Educação Física brasileira da época. Assim, algumas Secretarias Estaduais e Municipais de Educação elaboraram Unidades Didáticas, recomendadas a seus professores das redes que mantinham, para que fossem aplicadas.

Como exemplo, podemos citar “Bases para o Ensino de Primeiro Grau – Línguas Estrangeiras, Educação Religiosa e Educação Física” (RIO DE JANEIRO, 1976). Tempos mais tarde aparecem as “Orientações Curriculares – Áreas Específicas” formuladas pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro (RIO DE JANEIRO, 2009).



7 UNIDADES DIDÁTICAS

Examinando com atenção o livro “Introdução à Didática de Educação Física” observamos que Faria Junior conceituava “conteúdo” como o

teor do Ensino da Educação Física, através do qual serão atingidos os objetivos educacionais propostos. Desta forma, poderíamos dizer que aqueles nada mais são do que reativos que, uma vez selecionados, programados e dosados vêm facilitar a aprendizagem naquela “prática educativa”. [...] Unicamente com a finalidade de estabelecer comparação, poderíamos dizer que os “conteúdos” da Educação Física correspondem a “matéria” das demais disciplinas constantes dos currículos das escolas brasileiras. (FARIA JUNIOR, 1969, p. 70).

Preferimos adotar Unidade Didática, apesar de reconhecermos que na literatura educacional essa expressão tenha registrado outras denominações como unidades de ensino, unidades de aprendizagem, unidades de experiência etc.

O termo “unidade” foi usado pela primeira vez em educação por Henry Morrinson (1962, p. 45), como “um aspecto completo e significativo do meio, de uma ciência organizada, de uma arte ou de uma conduta, o qual uma vez aprendido resulta em uma adaptação da personalidade”. O Método das Unidades Didáticas, proposto “por Morrinson, objetivava a obtenção de um ensino mais compreensivo e significativo, em face dos interesses e necessidades dos educandos” (FARIA JUNIOR, 1977, p. 46).

Faria Junior (1969) já advertia que

nenhum bom planejamento pode tornar-se realmente eficaz se tiver uma multidão de ideias antagônicas contra as quais lutar. A Unidade tem por fim fazer convergir todas as atividades para a conquista dos objetivos propostos. (FARIA JUNIOR, 1969, p. 145).

Assim, poder-se-ia conceituar Unidade Didática como sendo

um conjunto organizado de conteúdos, experiências e atividades, relacionado com um tema ou propósito central desenvolvido cooperativamente por um grupo de alunos, sob a orientação do professor, objetivando modificações de determinados comportamento. (FARIA JUNIOR, 1977, p. 47).

Aquele autor, ao escrever sobre planejamento do ensino – plano de curso, plano de unidade e plano de aula – admite que estes

nada mais são do que três fases de um planejamento, buscando uma progressiva particularização à medida que se aproxima o momento de sua execução em aula, [...]. Um plano de Unidade Didática bem pormenorizada reduz muito a necessidade da elaboração de planos para cada aula de uma mesma Unidade. (FARIA JUNIOR, 1969, p. 151).

Escrevendo sobre a Divisão do Conteúdo em Unidades lembra aquele autor que baseado no programa elaborado pelo professores da instituição escolar, segundo as franquias concedidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1961), caberia a estes docentes distribuir

os conteúdos por Unidades Didáticas. O número de unidades não é de grande importância, embora costumemos desenvolver três ou quatro delas no máximo. [...] A distribuição das unidades será feita levando-se em consideração a sua importância; o grau de dificuldade, a extensão dos conteúdos a serem ministrados. (FARIA JUNIOR, 1969, p. 153).

Cada unidade didática pode ser considerada como um verdadeiro curso em miniatura, condensado ou abreviado sobre determinado conteúdo. A denominação de “Plano de Unidade Didática” é preferível em vez de “Unidade de Conteúdo”, porque uma unidade envolve um ciclo docente completo que irá desde a motivação inicial à apresentação do novo conteúdo até a fixação do aprendido e a verificação dos resultados obtidos por esta aprendizagem.

São apresentadas naquele livro exemplos de Unidades Didáticas, formuladas por professores experientes – Planos de Cursos – Danças Folclóricas Nacionais e Estrangeiras, de Marila Moreira Gayoso; Iniciação ao Atletismo e Iniciação ao Futebol de Salão, de Jorge Reis (FARIA JUNIOR, 1969); Iniciação ao Atletismo e Iniciação ao Futebol de Salão, de Jorge Reis; Futebol de Salão, Atletismo, Basquete, Voleibol, Ginástica Olímpica, de Dionísio A. Soares; Atletismo, Ginástica Olímpica, Voleibol, Ginástica Feminina Moderna, de Lea Laborinha (FARIA JUNIOR, 1972); Planos de Unidade Didática - Dança do Sul, de Marila Moreira Gayoso; Ginástica Feminina Moderna, de Neide Zanon Barreiro; Iniciação ao Futebol de Salão, Jorge Reis (FARIA JUNIOR, 1969); As Danças do Sul, de Lea Laborinha; Ginástica Feminina Moderna, de Neide Barreiro Gomes; Iniciação ao Futebol de Salão, Jorge Reis (FARIA JUNIOR, 1972); Planos de Aulas - Exercícios Naturais com Bastões (Método Natural Austríaco), de Alfredo Faria Junior; Ginástica Feminina - Exercícios com Maças, de Neide Zanon Barreiro; - Ginástica Acrobática, Solo (Método Natural Austríaco) - de Hans Prochownik; Basquetebol – passe de peito e bandeja, de Moacir Daiuto (FARIA JUNIOR, 1969); Exercícios Naturais com Bastão, de Jorge Reis; Exercício com Maças (Ginástica Feminina Moderna), de Neide Barreiro Gomes; Diferentes Tipo de Rolo (Ginástica Olímpica), de Hans Prochownik; - Aplicação das Regras Básicas (Iniciação ao Basquete), de Otávio Alves; Testes de Agilidades, de Manoel José Gomes Tubino; Exercício para a Musculatura Interna dos Braços (Peseo e Halteres ou Musculação), de José Maurício Capinussu; Condução de Bola (Polo Aquático), de José Maurício Capinussu (FARIA JUNIOR, 1972).

Em resumo, no final dos anos 60, vê-se como Unidades Didáticas dadas como exemplos, tanto de desportos – Atletismo, Basquetebol, Futebol de Salão, Ginástica Olímpica, Pesos e Halteres (Musculação), Polo Aquático, Voleibol – quanto de Danças Folclóricas, de Ginástica, de Ginástica Feminina Moderna, de Jogos Pré-Desportivos etc.

Terminada a fase do planejamento entrar-se-ia na “fase de execução” propriamente dita.

é bastante comum vermos professores ministrando hoje uma aula de basquetebol, amanhã uma de voleibol, a seguir uma de futebol e assim sucessivamente e, entretanto, desejando com isso obter o aprendizado de um desporto em uma ou duas aulas [...]. A aprendizagem é um processo complexo e lento de assimilação, não sendo possível assim, do “nada saber” aos domínios das habilidades desejadas com uma aula, por mais “magistral” que esta tenha sido (FARIA JUNIOR, 1969, p. 206).

Assim, permaneciam na Educação Física brasileira duas correntes de pensamento: uma, com menor força, voltada para os Programas Esportivos por Temporada, e outra para o trabalho por Unidades Didáticas.

O Departamento de Educação Física e Desportos (DED), do Ministério da Educação e Cultura (MEC), mostrava preocupação com os objetivos contidos no Art. 3º do Decreto nº 69.450/71, que regulamentou o Art. 22 da Lei nº 4.024/61 e a alínea 'c' do Art. 40 da Lei 5.540/68. Diante desta situação DED/MEC, em fevereiro de 1973, reuniu, em um Seminário, expertos no assunto para estudar o problema - Liselott Dien, August Kirsch, Jacob Muth e Wolfgang Gehnen (alemães), Paul Swinnen (belga), Rodolf A. Sanz (espanhol), Auguste Listello (francês), Iwanosuke Yamakava (japonês) e Lelio Ribeiro (português) (BRASIL, 1973).

Assim, “com base principalmente no convênio Cultural Brasil-Alemanha de Educação Física, formulou um sugestão para a aplicação de um currículo básico nos 1º e 2º graus das escolas brasileiras” (BRASIL, 1976). Nesta época, julgamos pela primeira vez na Educação Física brasileira, caracteriza-se o uso oficial da expressão “Currículos de Educação Física” (BRASIL, 1976).

O DED então realizou, em dezembro de 1976, um “Seminário para a elaboração de Currículos de Educação Física – 1º Grau” das quais participou um Grupo de Trabalho (GT) composto somente por professores brasileiros, a saber: Fernanda Barroso Beltrão, Alfredo Faria Junior, Maria Pastora da Araújo, Manoel José Gomes Tubino, Haimo Harmut Fensterseifer, Luiza Copstein Waldermar, Dadi Damasceno de Araújo, Massumi da Castilho Ribeiro e Luiz Vicentini.

Os membros do GT partiram de uma conceituação de Currículo, na perspectiva docente (“currículo é o conjunto das atividades realizadas pela escola com vistas à consecução dos objetivos educacionais”) e no ponto de vista discente (“currículo é o conjunto de todas as experiências, que o aluno vivencia e realiza, dentro e fora da escola, e sob a responsabilidade da mesma, visando à consecução dos objetivos educacionais”) (RIO GRANDE DO SUL, 1972).

Depois o GT discutiu as Bases para a Elaboração do Currículo, o Currículo por Área de Estudo e o Currículo por Atividades e definiu a elaboração de um Plano de Estudos e os planejamentos por Modalidades, divididos por Nível (contendo cada um: objetivos, conteúdo programático, estratégias e verificação da aprendizagem) (BRASIL, 1976).

O documento que apresentava as Diretrizes para a aplicação do Currículo Proposto estabelecia que ele dividia-se em Unidades, por exemplo, “Ginástica I, Ginástica II, Atletismo, Basquetebol, Jogos Pré-Desportivos I etc.”; que essas Unidades poderiam ser acrescidas de outras, de acordo com as disponibilidades e conveniências locais – “por exemplo Capoeira, Tênis etc.”; que os professores de Educação Física deviam “situar-se em princípios pedagógicos durante a elaboração de seus planos de ensino, planos de unidades e preparação das aulas” (BRASIL, 1976).

As Unidades para o “Programa Nacional – 1º Grau” propostas eram: 1ª e 2ª Séries - Atletismo Básico, Ginástica Básica, Atividades Rítmicas (Atividades Rítmicas Fundamentais e Brinquedos Cantados), Natação e Jogos Pré-Desportivos; 3ª Série - Atletismo Básico, Ginástica Básica, Iniciação Desportiva: Jogos ou Atividades (Futebol - masculino; Basquetebol - masculino e feminino; Voleibol - masculino e feminino; Handebol - masculino e feminino);

Atividades Rítmicas; Natação; 4ª à 8ª Séries – Atletismo - masculino e feminino; Ginástica Olímpica - masculino e feminino; Ginástica Rítmica Moderna - masculino e feminino; Futebol - masculino; Basquetebol - masculino e feminino (Basquetebol Gigante e Mini-Basquetebol etc.; Organização Coletiva; Introdução de Conhecimento Básicos das Regras, Regulamentos e Organização do Basquetebol); Handebol – masculino e feminino (Jogos ou Atividades de Iniciação (Handebol a dez, Mini-Handebol etc.; Organização Coletiva; Introdução aos Conhecimentos



Básicos das Regras e da Organização do Handebol); Natação - masculino e feminino; Voleibol (Jogos ou Atividades de Iniciação (Voleibol Gigante, Minivoleibol, Voleibol Facilitado etc.; Organização Coletiva; Introdução aos Conhecimentos Básicos das Regras e da Organização do Voleibol), Dança - masculino e feminino.

Em artigo publicado na então prestigiosa Revista Brasileira de Educação Física e Desportos, Faria Junior (1977) continuou divulgando o Ensino por Unidades Didáticas. Nele o autor faz um arremedo histórico do Trabalho por Unidades Didáticas em Educação Física, conceitua Unidade Didática, apresenta as características e vantagens e os principais problemas que o professor tinha de enfrentar. Depois situava as unidades didáticas integrando

o Plano de Estudos da Educação Física, que ajuda a compor o currículo do estabelecimento de ensino [...]. Uma unidade didática é posteriormente detalhada num “programa de ensino” e planejada sob a forma de um “plano de unidade”, de acordo com as normas recomendadas pela moderna didática. (FARIA JUNIOR, 1977, p. 47).

A seguir o autor apresentava um roteiro de trabalho que serviria

para a efetivação de uma unidade: a) sondagem ou avaliação diagnóstica; b) a formulação de objetivos; c) planejamento cooperativo; d) apresentação da unidade por parte do professor; e) desenvolvimento da unidade através de subunidades; f) verificação da aprendizagem; g) retificação da aprendizagem; e h) realização da atividade culminante. (FARIA JUNIOR, 1977, p. 47).

Finalmente o autor cita o emprego de Métodos para o desenvolvimento das unidades. O artigo termina com um exemplo do Basquetebol dado pelo professor doutor Paulo Murilo Alves Iracema e professor Raimundo Nonato Azevedo.

8 CONCLUSÕES

No Brasil, em 1973, uma das primeiras vezes em que foi usada oficialmente a expressão Currículos de Educação Física deu-se no Seminário de Brasília, promovido pelo DED/MEC. O Programa por Temporada, proposto por Julio Mazzei (1960), ajudou a difundir o desporto na escola. O Programa por Temporada evoluiu para o Trabalho por Unidades Didáticas (FARIA JUNIOR, 1969), mais de acordo com a filosofia do Humanismo. No Programa por Temporada predominavam os desportos, enquanto que no Trabalho por Unidades Didáticas ao desporto somavam-se outras unidades, como as Danças, a Ginástica Feminina Moderna, o Folclore, a Ginástica Rítmica Desportiva, os Jogos Pré-Desportivos etc.

REFERÊNCIAS

ACCIOLY, Aloisio Ramos; MARINHO, Inezil Penna. **História e organização da Educação Física e desportos**. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1956.

AMARAL, Cássio Rothier do. **Calistenia do plano geral da Educação Física**. Guanabara: APEF, 1965.



BRASIL. Lei nº 378, de 13 de janeiro de 1937a. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=225>>. Acesso em: 14 maio 2014.

_____. Constituição (1937). Constituição dos Estados Unidos do Brasil, de 10 de novembro de 1937. **Diário Oficial**, Rio de Janeiro, 10 nov. 1937b. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao37.htm>. Acesso em: 19 maio 2014.

_____. Decreto-Lei nº 2.072, de 8 de março de 1940. Dispõe sobre a obrigatoriedade da educação cívica, moral e física da infância e da juventude, fixa as suas bases, e para ministrá-la organiza uma instituição nacional denominada Juventude Brasileira. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-2072-8-marco-1940-412103-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 14 maio 2014.

_____. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as diretrizes e bases da Educação Nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 27 dez. 1961. p. 11429. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l4024.htm>. Acesso em: 14 maio 2014.

_____. Departamento Nacional de Educação. **Educação Física: método francês**. Rio de Janeiro: Divisão de Educação Física, 1960.

_____. ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO. **Regulamento nº7 de Educação Física**. Rio de Janeiro:

_____. Ministério da Guerra. **Regulamento de Educação Física: 1ª parte**. Rio de Janeiro: Defesa Nacional, 1934.

_____. Decreto-Lei nº 1.212, de 17 de abril de 1939. Cria, na Universidade do Brasil, a Escola Nacional de Educação Física e Desportos. **Diário Oficial**, 18 out. 1939. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del1212.htm>. Acesso em: 19 maio 2014.

_____. Decreto-Lei nº 3.617, de 15 de setembro de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos universitários. **Diário Oficial**, Rio de Janeiro, 17 set. 1941a. Seção I, p. 17995. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3617-15-setembro-1941-413844-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 19 maio 2014.

_____. Decreto Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. **Diário Oficial**, Rio de Janeiro, 16 abr. 1941b. Seção I, p. 7453. Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=152593>>. Acesso em: 19 maio 2014.

_____. Ministério da Educação e Saúde. **Inquérito sobre o Método Nacional de Educação**



Física: contribuição ao método nacional de Educação Física. Rio de Janeiro: Departamento Nacional de Educação, 1944.

_____. Ministério da Educação e Cultura. **Método Francês.** Guanabara: Divisão de Educação Física, 1960. Curso de Educação Física por Correspondência.

_____. Ministério de Educação e Cultura. **Conclusões do Seminário de Brasília.** Brasília: Departamento de Desportos e Educação Física, 1973.

_____. Ministério de Educação e Cultura. **Elaboração de Currículos.** Rio de Janeiro: Departamento de Desportos e Educação Física, 1976.

CANTARINO FILHO, Mario Ribeiro. **A Educação Física no Estado Novo:** história e doutrina. 1982. 217 f. Dissertação (Mestrado em Educação) [?] Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 1982.

_____. **A educação, a educação física e os desportos nas constituições brasileiras:** estudo comparativo. Brasília: UNB, 1988

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil:** a história que não se conta. Campinas: Papyrus, 1988.

COLOMBO, Alfredo. Aspectos da Educação Física nos Países do Prata. **Arquivos da ENEFD,** Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 21-30, jun. 1946.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO. Parecer nº 16, de autoria do Conselheiro Borges dos Santos e aprovado em 16 março de 1962.

CUNNINGHAM, William F. **Introdução à Educação.** Porto Alegre: Globo, 1975.

ESTADO DA GUANABARA. Decreto nº 353, de 22 de janeiro de 1965. Torna obrigatória no Estado da Guanabara a educação dos menores entre 7 e 14 anos de idade.

FARIA, Alberto Latorre de. Ginástica feminina moderna. **Arquivos da ENEFD,** Rio de Janeiro, v. 6, n. 6, p. 91-95, jan. 1953.

FARIA JUNIOR, Alfredo Gomes de. **Introdução a Didática de Educação Física.** Brasília, DF: MEC, 1969.



_____. Abordagem sistêmica em educação. Revista da Faculdade de Educação, da Universidade Federal Fluminense, Niterói. V. II, n. 3, p. 9-20, jul. 1972. Revista da Faculdade de Educação da Uff, Rio de Janeiro, v. II, n.3, p. 9-20, 1972.

_____. Ensino por unidades didáticas. **Revista Brasileira de Educação Física e Desportos**, Brasília, DF, v. 9, n. 33, p. 46-54, jan./mar. 1977.

_____. **De aluno da ENEFED a Doutor Honoris Causa: a carreira de Alfredo Faria Junior**. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2012.

FERRARI, Orlando A. **A História da Educação Física do Espírito Santo**. Vitória: Escola Técnica de Vitória, 1958.

FONTOURA, Amaral. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 3. ed. Rio de Janeiro: Aurora, 1968.

FRANCE. Ministère de la Guerre. **Règlement Général d'Éducation Physique: Méthode Française**. Paris: Charles-Lavauzelle, 1932.

HOWELL, Reet *et al.* **Methodology in Comparative Physical Education and Sport**. Champaign: Stipes, 1979.

KELLY, Celso. **Política da Educação**. Rio de Janeiro: Reper, 1968.

LAUWERYS, Joseph A. The Philosophical Approach to Comparative Education. **International Review of Education**, Hamburg, v. 5, n. 3, p. 281-298, 1959.

MARINHO, Inezil Penna. **História da Educação Física e dos Desportos no Brasil**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1954. v. 4.

MARINHO, Inezil Penna. **Sistemas e Métodos de Educação Física**. 2. ed. São Paulo: Mercúrio, 1958.

MAZZEI, Julio. **Novas concepções do programa por temporada**. Araraquara: Belentani, 1960.

MAZZEI, Julio; TEIXEIRA, Mauro Soares. Novas concepções do programa por temporada. In: MAZZEI, Julio; TEIXEIRA, Mauro Soares (Org.). **Cultura, Educação, Educação Física, Esportes e Recreação**. 2. ed. São Paulo: Fulgor, 1967, p. 178-204. v. 2.



MORRISON, H. C. **The practice of teaching in secondary school**. Chicago: The University Chicago Press, 1962.

OLIVEIRA, Vitor Marinho; FARIA JUNIOR, Alfredo. **Fundamentos Pedagógicos Educação Física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação Popular e Educação de Adultos**. São Paulo: Loyola, 1983.

RAMOS, Jayr Jordão. **A Moderna Ginástica Sueca**. Brasília: DEF/MEC, 1967.

_____. **Os exercícios físicos na história e na arte: do homem primitivo aos nossos dias**. São Paulo: Ibrasa, 1982.

RIO DE JANEIRO (Estado). **Bases para o ensino de primeiro grau**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1976.

RIO DE JANEIRO (Estado). **Orientações curriculares: áreas específicas**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Educação, 2009.

RIO GRANDE DO SUL. **Revista SEC/RS**. Porto Alegre: Secretaria de Educação e Cultura, 1972.

RUMMEL, Francis J. **Introdução aos procedimentos de pesquisa em educação**. Porto Alegre: Globo, 1972.

SILVA, N. Pithan e. **Ginástica com Música: Ginástica e Calistenia, o plano Skarstrom e Wood**. São Paulo: Brasil, 1960.

TEIXEIRA, Mauro Soares. Viagem de estudo à França. In: MAZZEI, Julio; TEIXEIRA, Mauro Soares (Org.). **Cultura, Educação, Educação Física, Esportes e Recreação**. 2. ed. São Paulo: Fulgor, 1967. p. 243-266. v. 5.

WOOD, Alfredo. **Gimnasia: recreación en la escuela primaria**. Buenos Aires: Kapeluz, 1941.

